

## PARA A HISTÓRIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

- VIII — a) EDMUND CARTER (+)  
b) Autor ANÔNIMO

*Henri Chabassus*

"Nihil sub sole novi" (Eccle. 1,10)  
"Nè che poco vi dia da imputar sono  
Che quanto io posso dar tutto vi dono" \*  
(Ariosto)

### a) EDMUND CARTER

Em 1726, Edmund Carter escreveu um livro sobre artesãos que é citado por Zytowski e consta da resenha de Peddie no verbete "Trades". Sobre o autor nenhum dado foi possível obter. O título do livro é pomposo conforme o costume da época. Sua folha de rosto diz o seguinte:

The  
Artificer's  
Looking-Glass  
containing  
An exact and diverting Representation of  
the Lives, Conduct, Characters, and various  
Humours of the following PROFESSORS;  
as it was taken from their own Mouths, in their  
several respective Addresses to Mother ART.

A isto se segue uma lista de dezoito profissões dispostas em três colunas, e ao fim:

By Edmund Carter, Philo — Ars  
London  
Printed for J. Wilford, at the Three Flower  
de — Lucas, in Little — Britain M. DCC. XXVI  
(Price One Shilling)

---

(+) Ver "Síntese", nº 21, 26, 33, 34, 36, 37, 38, 40.

## PREFÁCIO

O prefácio estende-se da primeira à quarta página. A quinta página contém o elenco das profissões abordadas. A sexta página contém apenas o anúncio de venda de um livro. Da sétima à decimanona inclusive vem exarada a fala da "Mãe-Arte" aos seus filhos, isto é aos oficiais que representam cada um seu ofício.

Diz Carter que sua intenção ao escrever seu livrinho era pintar "com cores próprias e na devida luz a virtude e o vício". Deve-se entender, embora ele não o diga aqui, a virtude e o vício dos profissionais ao longo de suas vidas. Diz ele que a virtude traz em si mesma a sua recompensa e que o vício acarreta uma cadeia de males, consumindo a saúde e os bens de sua vítima e manchando-lhe a reputação. A todos os que seguem uma e outra destas direções contrárias, sugere ele que se vejam ao espelho: os virtuosos para que considerando as belezas e as graças que adornam a virtude, se confirmem no caminho começado e não se apartem dele; os viciosos, para que, vendo as imperfeições e as deformações que lhes acarreta o vício, se animem a arripiar caminho e tomar pela trilha da virtude. Prossegue dizendo que se a leitura do livro levar os oficiais a reformar alguma coisa, ainda que fosse a menor de suas deformidades, o tempo deles terá sido bem empregado, e ele mesmo se sentirá recompensado. Termina Carter dizendo que se alguém lhe quizer gritar "Medice! cura teipsum", jogando-lhe em face os seus próprios erros e vícios, ele (Carter) espera que esse alguém não lhe negue o uso de seu mesmo espelho, a fim de que possa apagar as nódoas que lhe mancharam o caráter...

## O TEXTO

Como ficou dito, na folha de rosto o autor enumera dezoito profissões. Todas elas constituem ofícios manuais, exceto o professor de dança. Na realidade ele aborda vinte ofícios, que apresenta em quinze curtos capítulos. Os ofícios de que o livro trata são os seguintes:

- |   |                               |
|---|-------------------------------|
| 1. O pintor iluminador ou<br>miniaturista | 11. O estucador               |
| 2. O canteiro                             | 12. O vidreiro                |
| 3. O vidreiro                             | 13. O tecelão                 |
| 4. O tecedor de meias <sup>1</sup>        | 14. O tanoeiro                |
| 5. O alfaiate                             | 15. O oleiro                  |
| 6. O chapeleiro                           | 16. O mestre de dança         |
| 7. O carpinteiro                          | 17. O fabricante de cachimbos |
| 8. O marceneiro                           | 18. O relojoeiro              |
| 9. O assentador de tijolos                | 19. O tipógrafo               |
| 10. O serrador                            | 20. O açougueiro              |

As seis primeiras páginas não têm número, a sétima é numerada "B", e da oitava em diante começa a numeração a partir do número 2 e se estende até à página 62. O livro consta pois ao todo de 68 páginas.

O texto se abre com uma alegoria que o autor vai manter até o fim do livro. A "Snra. Arte Manual" de há muito se estabeleceu em Londres e, embora ela só vise ao bem da Nação, tem sido muito maltratada e foi gravemente ferida nesta nossa degenerada época. Estas ofensas infligidas ao artesanato afetaram de tal forma a "Mãe-Arte", que ela caiu em consumpção (7ª p.). Atacada desde há anos por terrível asma, é tal o seu estado que pressagia próxima dissolução. Certa disso, ela, querendo deixar sua casa em ordem antes de morrer, chama seus filhos artesãos e dirige-lhes uma alocução de despedida. Diz que alegra-se por vê-los nos últimos momentos de sua vida. Ela, nada tem para deixar aos seus, pois o mundo ingrato só lhe outorga um bem que ela possa deixar em herança, a saber, a sua benção, e ela a dá com alegria, pois vê que eles se sentiriam roubados se a não recebessem. Eles terão que lutar, pois sobre eles pesa, mais que sobre os outros, a maldição do pecado de Adão. Ela e eles têm bebido, por vezes, até às fezes, a amarga taça da pobreza e da miséria, sobretudo com as mudanças dos últimos tempos, mudanças nunca havidas antes (p. 2). "E no entanto nenhuma classe social é mais benéfica para os homens que a dos Filhos da Arte". A história mostra que sempre que uma nação se tornou considerável em casa e formidável no exterior, isso foi devido em grande parte ao encorajamento dado aos artesãos". Eles é que são a riqueza e a força de uma nação (p. 3).

Ela os reuniu para, com sua autoridade materna, lhes dar algumas normas para sua conduta futura, e reprová-los seus muitos vícios. Sabe que eles querem conhecer sua história, mas o tempo que lhe resta de vida não lhe permite entrar em pormenores. É a segunda filha do tempo (não diz qual a primeira); é de raiz muito antiga, antediluviana; nasceu na Palestina onde viveu longo tempo a ensinar agricultura. Refere os vários utensílios que foram aparecendo no decorrer dos tempos, e que serviram ao mundo, manejados pela habilidade e capacidade dos artesãos. Eles construíram desde sempre e deixaram grandes monumentos. São trabalhos seus o soberbo Nimrod, a torre de Babel, o templo de Salomão, o Colosso de Rodas, as pirâmides do Egito, os monumentos de Atenas e Roma, que culminam com as maravilhas da arte de Rafael e Michelangelo. Ela morou alternativamente em grandes impérios, reinos, estados, províncias. Veio com Júlio César para a Inglaterra, "onde encontrou o caos e sofreu para educar este povo, hoje *tão polido como nenhum outro* no universo". Ela é protecionista para a produção de casa e ataca a valorização exagerada

do que vem de fora, que chegou a tal ponto que "as memórias de um italiano castrado valem mais que o engenho, a moralidade e o humor de um imortal Shakespeare". Os ingleses são tão bons em seus ofícios quanto quaisquer estrangeiros, e tendo aprendido destes, tornaram-se até superiores a eles. A Inglaterra é o país em que mana leite e mel, e os estrangeiros que a ela aportam são frugais e assim crescem. Ela, a Mãe-Arte, os quer bem a todos, ingleses e estrangeiros, pois todos são filhos seus, mas os de fora não devem usurpar os privilégios dos nacionais. Ela lhes recomenda o temor de Deus, o amor do próximo, a paz e, por fim, pede a eles que falem imparcialmente de suas vidas, para o proveito dos pósteros, que lhes deverão seguir os bons exemplos e ficar escarmentados com a desordem dos vícios. Para tal efeito, o que eles disserem será confiado à imprensa. E termina pedindo a sua filha "Diligência" que taquigrafe os depoimentos de todos (p. 2-13). Com tudo o que de positivo contém esta longa arenga, não consegue a "Mãe-Arte" dar cor alegre à sua fala. Ela é plangente e já preludia a longa jeremiada, que outra coisa não é o depoimento de quase todos os profissionais. Ainda quando tecem loas a si mesmos, valorizando o que fazem ou fizeram, são lamurientos: ninguém dá valor a seu trabalho e eles travam então relações muito íntimas com a pobreza, a miséria e até com a sordidez do vício. É tão marcante esse tom de tristeza em quase todos os depoimentos, que vários deles são apresentados por um qualificativo que caracteriza bem esse tom: "O queixoso seguinte" (p. 16); "o próximo que vem lamentar sua dura sorte" (p. 31). Por outro lado sua apresentação externa é de fazer pena. O primeiro, por exemplo, é um pintor, "com pobres roupas e mais sórdido aspecto ainda..." que se queixa de haver caído "in the very Dregs of Time"! (p. 14-16). O segundo, que é o que ele apresenta como "the next complainant", é a mera sombra de um homem, com sapatos acalcanhados, um lenço desmazeladamente posto no pescoço, e que "parece nascido dentro ou perto de um vulcão...". Os pormenores a que desce não são só infantis, mas ridículos e até asquerosos, por exemplo, que ele deu um murro em alguém, que outro o chamou de cachorro, e daí resultou que, bebado, caiu num chiqueiro e aí roncou até à manhã, etc. (p. 16-19). Vez por outra há algum depoimento mais sóbrio e tolerável, embora sempre triste, e lamentoso. Entre eles, o tecelão parece ser uma exceção. Ele se diz morigerado, trabalhador, bom esposo; acusa os outros de preguiça, extravagância e maus costumes. Mas sua arenga sai-lhe mal. Todos se põem contra ele; mereceria ser jogado pela escada abaixo ou pela janela; não passa de mau oficial, sempre a falar mal de seus mestres, e uma vez patrão, trata mal seus subalternos, tem maus costumes, é visto nas tabernas com mulheres de má nota. Não passa pois de um intrujão a desfiar pataratas que não convencem ninguém (p. 28-31).

Como bom inglês não podia dispensar uma alfinetada na Espanha e na França. Um dos tipos mais ridículos que Carter apresenta é o mestre de dança. Depois de pintá-lo tão grotesco quanto pôde, diz ele: "... this out of the Way Creature, having assumed *A Spanish-Air*...". E para não ficar só nisso, fá-lo de ascendência espanhola: "ele descende de Don Diego Curvetto Jumbo, e foi aluno de Messieurs (sic) Minuet" (p. 41).

No meio de tanta lamúria sempre aparece um bem humorado. É o fabricante de cachimbos. Faz o elogio do tabaco, mas diz que impede a mulher e as filhas de tomar café, chá, chocolate, para que não lhes venha vontade de fumar. O tabaco dá trabalho a muita gente e é artigo de exportação. Fervido e espremido é medicinal; óleo de tabaco é bom para feridas novas (green-Wound) e chagas crônicas. Diz ele que podia ser rico, mas gosta de se divertir e trabalha pouco. Se trabalhasse tanto quanto a mulher quer, estaria melhor de vida. Ela ajuda-o no trabalho e é um pé de boi. Diz bem o ditado: "Working Wives make Holiday-Husbands". Mas ele tem que aguentar a sogra, que é "mulher barbada...". Apesar de todo seu bom humor, não escapou aos vícios de fumar, beber, jurar, etc. (p. 45-51). Feita sua arenga, segue-se o relojoeiro que é o único que parece ter vida regular e isenta de vícios. Ele se diz bom esposo, bom pai, trabalhador, religioso, feliz no seu trabalho, tendo conseguido fazer um bom pé de meia. E sua fala não encontra contraditores. E traz uma nova versão do dito que vem em mais de livro da época, por exemplo no de Guibelet (ver "Síntese", nº 36), em que se compara a inteligência dos chineses, dos franceses e do resto dos homens. Aqui há apenas uma variação dessas nacionalidades: Dizem os persas "que eles têm dois olhos, os europeus um, e o resto do mundo é cego". O que os persas dizem da Europa ele aplica em particular à Inglaterra, pois em muitos ofícios os ingleses não são inferiores a ninguém, e em muitos outros são melhores que todo o mundo (p. 51-54).

Segue-se a fala do tipógrafo que é uma moxinifada insulsa, na qual até Calabar é citado (p. 55-58). É então a vez do magarefe que começa dizendo: "I'm come to enter my *Complaint*". É mais uma página penosa de se ler (p. 59-61). Sua fala é um "digno fim" de uma obra infeliz. A "Mãe-Arte" toma então a palavra, dá-lhes a sua benção e diz que esses depoimentos vão para a imprensa conforme ela prometera (p. 61-62). Melhor seria que nunca houvessem ido.

Carter diz no prefácio que havia escrito para si mesmo e que só a instâncias de muitas pessoas gradas resolveu publicar sua obra. Foi imprudente e mau o conselho e mais imprudente ainda e pior o tê-lo se-

guido. A obra pretendia mostrar os defeitos e vícios para que eles servissem de lição aos pósteros. O valor do método seria discutível; ninguém esgarça em cabeça alheia. Esses quadros negativos apresentados em tão grande número, poderiam antes fazer mal que bem, pela insistência do mau exemplo. É tal a ênfase posta sobre a exposição dos vícios, que quase não fica memória de algumas virtudes em dois ou três casos, quando muito. A apresentação das personagens é por vezes chocante e algumas falas raiam pela degradação. Melhor seria que tal opúsculo não houvesse sido escrito. Poderia alguém então me perguntar: Nesse caso porque escreve sobre ele? Esta série de artigos que vem sendo publicada em "Síntese", versa sobre os pioneiros da orientação vocacional. Como ficou dito no começo, este livro consta da lista de Zytowski sobre o assunto, assim como do catálogo de Peddie. É natural pois que eu quizesse conhecê-lo para dele dar conhecimento aos meus leitores. Deu-me trabalho achar o livro e só consegui dele cópia em microfilme, e lê-lo dessa forma, cansa. É possível que alguém tivesse a mesma curiosidade que eu tive. É para esse curioso que escrevo: Não perca seu tempo e seu trabalho. O livro é anunciado ao preço de um "shilling". Por menor que fosse o valor dessa quantia ao tempo de Carter, quem empatou essa soma na compra do livro, empregou mal o seu dinheiro.

## BIBLIOGRAFIA

PEDDIE, R. A. — *Subject Index of Books* — Published before 1880 — London, Grafton and Co., 1933. — *Subject Index of Books* - Published up to and including 1880. *Second Series, A-Z* — 1935. Id. *Third Series - A-Z* — 1939. — Id. *New Series - A-Z — 1948. Verbetete "Trades"*.

ZYTOWSKI, Donald G. — Four Hundred Years Before Parsons. In: "The Personnel and Guidance Journal", 50, 6, 443-450, 1972.

## B) Autor ANÔNIMO

Em 1747, foi publicado em Londres por T. Waller, um livro escrito por autor anônimo, cujo título abreviado é: "A General Description of all Trades". A folha de rosto é sugestiva e promissora para o nosso assunto. Infelizmente, seu desenvolvimento não corresponde ao que parecia prometer e constituiu mais uma frustração, a somar-se à que nos tinha proporcionado Edmund Carter. Observo desde já que neste

---

**Nota:** Do livro de Carter pode-se obter microfilme na: "The British Library" — Reference Division — Reprographic Section — Great Russel Street, London WC1B 3 DG. Idem em Washington, na "Library of Congress" — Photoduplication Service — Grand Floor — Adams Bldg.

livro, como em outros livros ingleses do tempo, os substantivos são grafados com maiúscula. É curioso que nos livros alemães, pelo contrário, eles fossem grafados com minúscula, como é o caso, por exemplo, do livro de Amman e Sachs (v. "Síntese", n.º 37).

## O AUTOR

Sobre o autor nada se poderá dizer, a não ser o que seu livro nos permita vislumbrar. A data de edição do livro, diz-nos que ele vivia em 1747. Seu estilo é bom e mostra rica fantasia. É característica de seu estilo o uso de palavras latinas, muito mais acentuado do que no comum dos escritos. Há frases compostas quase que exclusivamente de vocábulos latinos. Tem ele muita acuidade para observação do pormenor, mostra espírito analítico, mas não sobressai quanto à capacidade de síntese.

## A OBRA

1. **Título** — O título é longo conforme o uso do tempo. Sua disposição parece não ter outra finalidade senão encher a página de rosto. Ei-lo:

A  
General Description  
of all  
Trades  
Digested in  
alphabetical Order:  
by which  
Parents, Guardians and Trustees  
may, with greater Ease and Certainty, make Choice  
of Trades agreeable to the Capacity, Education,  
Inclination, Strength and Fortune of the Youth  
under their Care

A isto se segue em duas colunas e oito itens um índice temático pormenorizado: 1. Subdivisão dos ofícios. 2. Número de trabalhadores existentes ou necessários. 3. Estudo ou arte que requerem; fadiga que dão. 4. Anuidade de um aprendiz para aprender o ofício. 5. Horas de trabalho do aprendiz e do oficial. 6. Paga dos oficiais. 7. Quantia necessária ao mestre para estabelecer-se. 8. Lista das Companhias Incorporadas, data da incorporação, taxa de uniforme, ou pagamento (livery-fine) devido por aqueles que se tornam "liverymen" numa Companhia de Londres, local de sua sede, dia de audiência do tribu-

nal da profissão (court-day), descrição de seus braços, suas divisas ou motes.

O livro de Campbell comentado em "Síntese", nº 38, explica o que fica acima no item número oito. O capítulo LXXIII de seu livro trata do governo da cidade de Londres. Aí explica ele que havia duas espécies de companhias em Londres: as incorporadas e as não incorporadas. O privilégio principal das incorporadas era o direito de cidadania londrina de que gozavam seus membros; as outras gozavam também de muitos privilégios, mas organizavam-se só em razão do comércio. A incorporação fazia-se geralmente por documento real ou de outra autoridade pública, e também, embora raramente, por prescrição. Havia duas espécies de companhias incorporadas: as que davam o título de "liveryman" e as que davam o título de "freeman". Os membros dessas duas espécies de companhias tinham o direito de cidadania londrina, mas seus privilégios eram diferentes. Só das Companhias Uniformizadas (Livery-Companies) podia sair o governo da cidade.

Quando um jovem já tinha servido fielmente a seu mestre durante sete anos podia, por processo público, tornar-se cidadão de Londres e adquirir o direito de exercer seu ofício. Pelo que ficou dito acima percebe-se que havia duas espécies de cidadãos de Londres, a saber, os "homens livres" (freemen) e os "homens uniformizados" (liverymen). Ser declarado "freeman" ou "liveryman" dependia do ofício que o oficial houvesse abraçado, ou mais precisamente da companhia à qual pertencesse. O oficial declarado simplesmente "homem-livre" (freeman), tinha o direito de exercer sua profissão, mas não o de usar uniforme, nem o de votar para a escolha dos governantes da cidade, nem para os membros de sua representação no parlamento, privilégios que só cabiam aos "homens-uniformizados" (liverymen). Havia porém, mais uma restrição quanto ao direito à voz passiva nas eleições. Dentre as companhias incorporadas havia doze, das quais, e só das quais, saía o prefeito (Lord Mayor) da cidade. A cidade estava dividida em vinte e seis bairros, para cada um dos quais era escolhido um assistente administrativo do prefeito para o governo do bairro (alderman), eleito pelos "liverymen" do bairro. O seu conjunto, "Court of Aldermen" era semelhante à Câmara dos Pares ou dos Lords. Um destes vinte e seis é que era eleito para prefeito. Para o governo da cidade havia ainda um Conselho Municipal (Common-Council) escolhido pelos habitantes de todos os bairros da cidade. Aqui Campbell dá azo a dúvida. Afirmara antes que só os "liverymen" tinham o direito de eleger o governo da cidade e aqui afirma que o "common-Council" é eleito pelos *habitantes* de todos os

bairros: "chosen out of all the Wards of the City by the *Inhabitants*" (p. 302). Não temos possibilidade de dirimir a questão.

As Companhias Incorporadas tinham ainda uma ordem de precedência, mas o texto não esclarece com que critério ela se estabelecia. É certo que as doze privilegiadas estavam entre as mais antigas, mas não era a antiguidade o critério de ordenação, pois a companhia dos paideiros fora registrada em 1155 e era a mais antiga delas todas; no entanto, seu lugar de precedência era o décimonono.

2. **Extensão** — O livro acusa xxxii — 227 páginas. Na realidade, tem mais duas páginas não numeradas.

3. **Prefácio** — Estende-se por essas duas páginas não numeradas. Faz a apologia de sua obra. O livro tem grande variedade de matéria, diz ele, custou-lhe muito trabalho e cansaço e resultou de material obtido exclusivamente por pesquisa pessoal. Deve-se observar, entretanto, que já havia material publicado sobre ofícios. Para só falar da Inglaterra, o livro de Thomas Powell, "Tom of all Trades", foi editado em Londres em 1631. É possível, porém, que o autor não o conhecesse. Sobre o valor do livro, diz ele que o público o julgará. Sua utilidade fica clara no título e mostra-o o conteúdo: o futuro do jovem depende de acertar no ofício a seguir, e é sobre isto que versa o livro todo. Os ofícios são postos em ordem alfabética, o que facilita a comparação de um ofício com outro. Diz ele ainda, que seu livro é "um resumo histórico dos ofícios mecânicos e mercantis".

4. **Capítulo preliminar** — A terceira página é numerada "2", mas deveria ser "i", pois as páginas seguintes são numeradas desde "ii" até "xxxii". Estas páginas constituem capítulo prévio ao assunto do livro, capítulo que ele intitula "Essay on Divinity, Law and Physic". Nelas desenvolve o autor o que anunciara na folha de rosto, a saber, a "história" da teologia do direito e da medicina. Ele previne o leitor de que não vai citar ninguém. O que vai dizer é fruto "*apenas de observação*": "No Learning shall fill my Pages; no Quotation shall disfigure my Margin" (p. 2 ou i). Ele vai "historiar" o que se passou com a teologia, o direito e a medicina no decurso dos séculos, desde o princípio dos tempos. Seria interessante saber como pôde ele "observar" o que se passou durante esses séculos sobre essas três atividades humanas...

O que ele diz é de fato uma elucubração pessoal, rica de imaginação, que o leva, vez por outra, a asseverar algumas inverdades de consequência, embora sem consequências para seu tema. Ele diz, por exemplo,

que o protestantismo inglês data de Eduardo III (1327-1377) (p. xiv), o que não é exato, pois ainda Henrique VIII, ao princípio de seu governo foi agraciado pelo Papa com o título de "defensor da fé". São sobejamente conhecidos os fatos que o levaram a separar de Roma a Igreja de Inglaterra. Não é esta a única afirmação sem fundamento no escrito deste autor.

Nesta dissertação historia ele, a seu modo, o desenvolvimento das disciplinas que figuram no cabeçalho. A princípio unidas e exercidas por uma só pessoa, como se vê por exemplo em Annius de Delos, sacerdote, rei e médico, foram pouco a pouco se separando e antes por força que por escolha, deixando os reis de ser a mola mestra do desenvolvimento de seu povo, para ser apenas detentores do poder (p. ix). O que ele diz não deixa de ter seu fundo de verdade, bastando recordar a história dos druidas na Britânia, nas Galias e na Germânia. A Bíblia conserva-nos a lembrança de Melquisedeque, sacerdote e rei de Shalem (Gen. 14, 18). No entanto não se pode aceitar tudo o que o autor diz. A meio caminho asseve, por exemplo, que as três profissões se devem aos vícios e loucuras da humanidade, e para prová-lo diz, com relação à medicina, que os velhos saxões, como os velhos romanos, não tinham hábitos que causassem doenças e não havia entre eles médicos. Mesmo depois da conquista eram poucos os médicos em seu país, até o tempo de Henrique VI (1421-1471), e estes poucos eram estrangeiros que vinham à Inglaterra a pedido dos reis (p. xiii). São afirmações peregrinas. O autor parece esquecido de fatos óbvios. As doenças são muito antigas, e além delas, sempre houve acidentes, quedas, v.g., a pedir alguma providência externa. É natural que se procurassem soluções para esses males e que tenha começado a surgir a medicina por tentativas empíricas. Davi queixava-se dos males da velhice; Tobias pai diz ter recorrido a médicos, a quando do acidente com seus olhos (Tb. 2, 10); embora não seja este um livro histórico, reflete os usos do seu tempo; o mesmo se diga da parábola do bom samaritano em que este é mostrado a pensar as feridas do viajante assaltado, infundido sobre elas óleo, e vinho. "O Talmude refere que até ao tempo de Ezequias existia um livro de medicina, que se destruiu mais tarde, bem como um rolo sobre medicamentos (Berakot, 10); o capítulo X do *Livro dos Jubileus* (apócrifo do século II a.C.) relata que Nóe encerrou toda a arte da medicina num único livro e o confiou a Sem. Deste passou a Abraão, que sabia curar distintas enfermidades... Moisés, depositário de toda a ciência judaica de sua época, enriqueceu a medicina com sua experiência de alto dignatário da corte egípcia e, a partir dele, a tradição oral chegou até Salomão" (Terra, p. 104)(1). Ora tudo isso reflete vivências iniludíveis, mas para quem não bastem estes documentos, é suficiente lem-

brar que Hipócrates é dos séculos IV e V a.C. Pretender que a Inglaterra permanecesse à margem da medicina até ao século XV, como faz o autor, parece não fazer sentido (Ver ainda C. Virolleaud, "A ciência fenícia segundo os documentos de Ras-Chamra" in História Geral das Ciências, ed. R. Taton, vol. 1, São Paulo, 1959, pp. 142-144).

A partir da página xxii disserta longamente sobre o clero protestante fala de sua vaidade, sua ambição, seus desmandos. Termina dizendo que atacou "não suas loucuras, mas seus vícios e só na medida em que eles afetam o bem da humanidade". E numa curiosa forma de ataque, enumera algumas coisas que *não atacou no clero*; entre elas há uma que vem a talho de foice para o nosso dia a dia de hoje; "...nem os censurei tão pouco por *enxertarem, como frequentemente fazem, política na religião*" (p. xxxi).

Nesta longa dissertação de trinta páginas há coisas interessantes; por exemplo, o autor percebe claramente que "não há doenças, mas doentes: "We are not to observe, that not only every Stage, but almost every Rank, nay, every Habit of Life, requires a different Practice in the Physician, *even when affected by the same diseases*" (p. viii).

5. **Desenvolvimento** — Só após este capítulo prévio é que o autor começa a abordar o assunto que o título do livro anuncia. Parece que ele mesmo se dá conta de que este capítulo não estava bem no seu lugar, era desnecessário e fora de propósito na obra. Talvez por isso repete aqui novamente o título do livro, de forma abreviada: "A General Description of Trades digested in Alphabetical Order". A numeração começa na segunda página e segue a ordem natural dos números, até à página 227. Há uma segunda numeração com letras e algarismos, mas não a levaremos em conta. Os capítulos se sucedem sem numeração. Cada capítulo trata de uma profissão e esta vem sempre acompanhada do seu número, conforme a ordem de precedência da companhia a que pertence. Há, porém, profissões não acompanhadas de número; a razão é que as companhias em que elas se constituem só dão a seus profissionais o título de "freeman" e não o de "liveryman", ou porque os profissionais não se constituem em companhias, mas em sociedade, ou porque fica à liberdade do profissional escolher a que companhia quer pertencer dentre as que lhe são possíveis, ou ainda por outra razão sobre a qual o autor não se manifesta. É certo, porém, que essas profissões não numeradas não correspondem a Companhias Incorporadas que dão direito ao uso de uniforme (Livery-Companies).

Para quase todas as profissões o autor traz os seguintes dados:

- Se recebem aprendizes ou não.
- Quanto paga o aprendiz ao mestre para aprender o ofício.
- Quanto ganha o oficial por ano, ou por mês, ou por semana, ou por dia, ou por peça.
- Quanto é necessário ao mestre para se estabelecer.
- Quais são as horas de trabalho.
- Se são ou não incorporados em companhia, a data da incorporação e por ato de quem.
- Se têm ou não uniforme e sede. Onde se reúnem quando não há sede.
- Qual a taxa a ser paga para um oficial adquirir o direito de ser uniformizado.
- Qual o brasão do ofício e qual sua divisa ou mote.
- Qual o dia de audiência de seu tribunal.

Ainda que faltem algumas ou muitas dessas informações, nunca faltam todas, exceto para os avaliadores, os agricultores, os fabricantes de vinagre, os atacadistas e para as Companhias "Eastland" e "South-Sea". Sobre outras quatro profissões não traz praticamente nada, mas envia a profissões afins.

Além das indicações acima, cada profissão traz ainda alguma ou algumas das informações seguintes:

#### **Quanto ao mercado de trabalho:**

- Se há mercado para homens, para mulheres e em particular:
- Se há grande concorrência ou não; número aproximado de profissionais.
- Se é profissão em voga.
- Em que cidades trabalham os oficiais da profissão.
- Se os mestres empregam muita gente ou não.

#### **No que respeita a ganhos e gastos:**

- Se é profissão rendosa ou não; se dá para poupar e quanto, ou se apenas dá para viver.
- Quanto custa a formação.
- Quanto é necessário para um mestre se estabelecer.

- Qual a taxa a pagar pelos oficiais que têm direito ao uso do uniforme (livery-fine).
- Se as lojas exigem grande estoque ou não, e em quanto importa.
- Qual o capital de algumas companhias.
- Condições materiais ou sociais para o desempenho do ofício, V.g. posse de carruagem, boas relações sociais.

#### **Quanto à história:**

- Se a profissão é antiga ou recente.
- Como se constituíram as companhias: por documento real ou de outra entidade pública, ou por prescrição.
- Se é sujeita ou não à fiscalização da produção.

#### **Quanto ao processo do trabalho:**

- O que fazem os profissionais: dados gerais e pormenorizados.
- Qual o processo da ação: como fazem.
- Que material empregam.

#### **Quanto aos pré-requisitos:**

- Formação requerida: estudos, disciplinas (caligrafia, aritmética, geometria, trigonometria, contabilidade, desenho, etc.).
- Qualidades e habilidades: engenho, memória, destreza, boa vista, robustez, firmeza de mão, exatidão, experiência, diligência, sobriedade, cortesia, aplicação, integridade, etc.

#### **Qualidades da profissão (juízos de valor):**

- Útil, necessário, distinta, pesada, leve, grosseira, suja, limpa, trabalhosa, aborrecida, maçante, desagradável, salubre, insalubre (trabalho exposto ao tempo, ao frio, à neve, à umidade, ao fogo, ...), barulhenta arriscada, segura.

#### **Quanto aos beneficiados pelo trabalho:**

- Para que serve o produto.
- A quem serve.
- Para quem se vende.

Como se vê, o autor traz enorme quantidade e variedade de dados. É claro que isto tem sua razão de ser: as profissões são diferentes, exigem qualificações diferentes, seus dados são portanto diferentes. Mas

nessa abundância e diversificação não se vê uma linha mestra, a não ser um certo pragmatismo nos dados que ele traz praticamente para todas as profissões: custo, salário, capital necessário, horas de trabalho, uniformização, taxas. Estes dados parecem obedecer a uma idéia, a um plano determinado de informação: são dados referentes às condições econômicas necessárias para a formação e a sobrevivência do indivíduo e de sua família. Mas não são esses os dados que, em princípio, devem levar a decidir por esta ou aquela profissão, embora em casos particulares sejam eles realmente que levam a decidir. Além disso, os outros dados todos, embora interessantes para o caso, vêm acudindo ao acaso, não obedecem a um plano de informações preestabelecido e considerado necessário para a orientação. É claro que informações como mercado de trabalho, formação necessária, qualidades e habilidades requeridas, são importantes para a escolha do trabalho, mas no livro esses dados não vêm organizados em plano determinado de orientação. Numa palavra, o trabalho do autor é um livro de informação profissional e não um manual da orientação vocacional. Não parece haver na mente do autor um esquema de orientação como se vê claramente em Campbell, e sobretudo em Huarte de San Juan (Ver "Síntese" nº 38 e 33).

Não obstante, aqui, ali, além, o autor se exprime de forma que nos dá a impressão de que era capaz de mais. Lendo-o com atenção em certas passagens, fica-nos a idéia de alguém que vislumbrou formulação mais profunda, ou mais abrangente, e perdeu-a por falta de atenção, ou de perseverança, ou de espírito de síntese: não foi capaz de integrar seus dados. Seria como certos pesquisadores que chegaram perto de grandes descobertas, mas que desanimaram ou se retrairam quando já estavam próximos a elas. Assim, já no título do livro, figuram três elementos essenciais para o exercício de uma profissão, a saber: o gosto, a capacidade ou habilidades e a inclinação. Diz lá ele: "Parents, ... may ... make choice of trades *agreeable* to the *capacity*, ... *inclination* ... of the youth...". É pena que desses três elementos ele só tenha desenvolvido um, o das habilidades do indivíduo, e assim mesmo como elemento solto, no mesmo pé de outros elementos de informação que ele traz. O autor não parece ter chegado a perceber que os elementos que decidem de uma escolha, não se somam apenas, mas se integram, resultando numa resolução esclarecida. Tem-se a impressão de que se o autor se submetesse ao teste de Rorschach, seu protocolo acusaria muitas respostas "D", mas poucas ou nenhuma resposta "G". Ele vê os pormenores, mas não os integra..

A única vez em que ele fala da inclinação no desenvolvimento de seu texto, vem ao tratar do "gravador". Aí ele é claro. Diz textualmente:

"... all the Instructions that can be given will never make a fine Engraver without somewhat of a *Genius*, strong *Inclinations*, some Study, and almost indefatigable application in Practice" (p. 85). Por que pede ele aqui *aptidão* (1) e forte *inclinação*, e não as pede para as outras profissões nas quais essas qualidades não são menos necessárias? Quem negará por exemplo, a vantagem que dá ao médico o ter aquilo que vulgarmente se chama "olho clínico"? É qualidade que não resulta só do estudo, da observação e da prática. Ela supõe a capacidade não só de análise, mas de síntese rápida e segura dos elementos observados, que resulta na formulação clara de um diagnóstico certo. Há uma outra passagem do livro em que ele fala de *aptidão*, embora numa frase manca. No prefácio, na primeira página (não numerada) diz ele: "How many hopeful have been ruined, by being put to Trades, or Callings, either *improper for them*, or *they unfit for*" (sic). A imperfeição da frase não obscurece o sentido do que ele quer dizer. Quanto ao termo "calling" que aparece aqui, como também ao falar do mestre-escola (p. 187) e do agricultor (p. 121), não merece comentário, porque nessas três passagens parece significar simplesmente profissão.

Em resumo, o livro vale como manual de informação profissional e concorre com sua parte, ao lado de outros livros, para mostrar que na época havia preocupação com a entrada dos jovens no mundo do trabalho. Ele traz alguns elementos importantes para a orientação vocacional. Além de dados por assim dizer secundários para a escolha de uma profissão, ele aborda as qualidades, as capacidades do indivíduo, e alude de passagem a seu gosto, sua inclinação, sua aptidão, mas não valoriza estes elementos. Eles ficam soltos, perdidos num "mare magnum" de pormenores sem maior valor.

A quem achar medíocre a contribuição que, com este artigo, trago para a Orientação Vocacional, defendo-me com Ariosto: "Não me imputem a parvidade da contribuição, pois lhes dou tanto quanto posso". O texto em exame não permite mais.

1. O livro deste autor é da mesma data que o de Campbell (1747). Ver, no artigo sobre Campbell, o que ficou dito sobre a palavra "genius" ("Síntese" nº 38).

## BIBLIOGRAFIA

1. CAMPBELL, R. — The London Tradesman — London, T. Gardner, 1747 — Reimpresso por David & Charles Limited, Devon, 1696.
2. PEDDIE, R.A. — Subject Index of Books — a) Published before 1880 — London, Grafton & Co., 1933; b) Published up to and including 1880 — Second Series, A-Z, 1935; c) Id. Third Series, A-Z, 1939; d) Id. New Series, A-Z 1948 — Verbete "Trades".

3. TERRA, João Evangelista Martins, S.J. — A Bíblia e a Natureza — São Paulo, Edições Loyola, 1986.
4. ZYTOWSKI, Donald G. — Four Hundred Years Before Parsons, In: "The Personnel and Guidance Journal", 50, 6, 443-450, 1972.

Nota: Do livro aqui comentado pode-se obter microfilme na: "The British Library" — Reference Division — Reprographic Section — Great Russell Street, London WCLB 3DG.

## SUMÁRIO

*Prosseguindo uma vasta pesquisa histórica sobre as origens da chamada Orientação Vocacional, cujos resultados vem sendo comunicados em números anteriores de SÍNTESE, o A. analisa no presente artigo a obra de um certo Edmundo CARTER publicada em Londres em 1726, na qual são enumeradas e criticadas nos seus defeitos 18 profissões. Assinalada por Zytowski como pioneira da Orientação Vocacional, o exame da obra de Carter não justifica essa qualificação em virtude do seu reduzido ou nenhum valor. O artigo ocupa-se ainda com a obra de uma A. anônimo, publicada por T. Waller em Londres em 1747 e que apresenta contribuições dignas de registro para os primórdios da Orientação Vocacional.*

## SUMMARY

*Pursuing a vast historical research about the origins of the so called vocational Guidance—the results of which have been made known in previous numbers of SÍNTESE—the author analyses, in the present article, the work of a certain Edmund Carter, published in London, in 1726, and in which he enumerates and criticises, in all their defects, 18 professions. Considered by Zytowski as a pioneering work on Vocational Guidance, the study of the work of Carter does not warrant such a qualification, because its limited value, if any. The articles deals also with the work of a anonymous published by T. Waller in London, in 1747, and which makes some considerations worth recording, as far as the beginnings of Vocational Guidance are concerned.*